

M(ai)S – antologia sadomasoquista da literatura brasileira

Organização Glauco Mattoso e Seraphim Pietroforte

O sadomasoquismo entre nós e a literatura brasileira

Seraphim Pietroforte

De 2007 a 2011 publiquei meus três primeiros romances; semelhantemente aos contos e poesias feitos por mim, a temática sadomasoquista também se presentifica neles. Não somos muitos a tratar do tema na literatura brasileira, aliás nem na literatura de outros países... nesse mundo restrito, tive o prazer de conhecer pessoalmente Wilma Azevedo – praticamente a primeira escritora brasileira a tratar do BDSM em contos e crônicas, dando-lhe visibilidade no universo das letras – e Glauco Mattos – quem garante sua excelência em verso e prosa ao longo de vasta carreira literária –.

A Wilma é uma mulher notável; certa vez, no lançamento de um livro do Glauco Mattoso, uma senhora elegante me aborda e pergunta sorridente: “você sabe quem eu sou? ... sou a Wilma Azevedo!”. Naquele instante, minha mente retornou ao passado... precisamente aos treze anos de idade, em um dia de visita à casa de minha avó e dois tios, filhos solteiros responsáveis pelos cuidados da velha senhora. Um deles costumava comprar *Ele & Ela*, *Status* e *Playboy*, todas revistas masculinas dos finais do século XX, e eu, encantando pelos ensaios fotográficos, naquela tarde fui capturado pelo conto “Submissão”.

submissão

Do conto, se me lembro bem, uma mulher, acostumada ao papel sexual de dominadora, revolve experimentar o ponto de vista masoquista e entrega-se aos caprichos de algum amante. Sua primeira tentativa fracassa, porquanto o parceiro confunde dominação SM erótica com grosserias – pertence à Wilma o termo SM erótico, criado para diferenciar as práticas consensuais das práticas desviantes ou doentias do sadomasoquismo –; na segunda vez, o parceiro corresponde às expectativas. Nunca se tratou de virilidade, isso não se menciona na trama nem se descrevem cenas de sexo explícito envolvendo penetração e gozo; tudo se concentra nos rituais SM, pois, justamente por se adequar melhor a eles, o segundo amante foi aprovado. Esqueci-me dos detalhes, todavia, lembro-

me de uma passagem, para mim significativa... quando o casal se dirige para as ruas, ela deve seguir descalça posto que, de acordo com o parceiro, escravas eróticas andam descalças.

o espelhamento

Não bastasse o conto expressar meu sadomasoquismo, espelhava também minha podolatria, dois imaginários eróticos frequentemente manifestados juntos. Naqueles tempos, com treze anos de idade, eu seria incapaz de saber, conscientemente, as minhas condições, sejam as condições enquanto circunstâncias sejam as condições impostas pelo meu erotismo SM; entretanto, na dialética da confusão, era um “sem saber, sabendo”. Não sabia me justificar para os outros nem para mim mesmo, porquanto não dominava, ainda, a retórica erótica; meu corpo, contudo, quando se manifestava sexualmente, dizia-me “sim, vai por aí”. Por isso, quando li o conto, encontrei naquela trama a realização de meus devaneios sexuais... algo imaginado somente meu surgia em outras histórias, agora compartilhadas coletivamente. Em tom confidencial, escrevendo com sinceridade, foi meu primeiro gozo vivido lucidamente; até então, experimentara somente as poluições noturnas.

o jornal Dobrabil

Alguns anos depois, por volta dos 17 anos de idade, recebi cartas de um amigo, quem se mudara da cidade de São Paulo para Mariana, em Minas Gerais, para cursar a faculdade de História; no ambiente universitário, ele conheceu o Jornal Dobrabil, editado pelo Glauco Mattoso, de quem cuidou de me enviar alguns poemas publicados na gazeta. Nos anos de 1980, eram os tempos da arte postal... o jornal do Glauco consistia numa folha de papel sulfite datilografada, de alguns números xerocopiados e dobrados feito carta, enviados regularmente pelo correio a políticos, jornalistas, escritores, músicos etc.; mesmo com produção modesta, o periódico alcançou 53 edições. Pois bem, o Glauco tematiza sadomasoquismo e podolatria, todavia, além da prosa, ele escreve poesia SM; inclusive em crônicas, contos e no romance *A planta da donzela*, o tratamento sempre se mostra

predominantemente literário, ligeiramente distante da prosa da Wilma Azevedo, próxima da crônica jornalística.

Anos mais tarde, estamos no início do século XXI, por volta de 2005, em um evento na Casa das Rosas / Casa de Poesia Haroldo de Campos, na cidade de São Paulo, quando o poeta Frederico Barbosa me apresentou ao Glauco. A partir de então, tornamo-nos amigos; aproximados pelo SM e pela paixão pelos pés, organizamos, em 2008, a *M(ai)s – antologia sadomasoquista da literatura brasileira* e, em 2010, *Aos pés das letras – antologia podólatra da literatura brasileira*.

à meia-noite

Por que escrever? Essa resposta eu não sei... talvez ninguém, escritor ou crítico, conheça a resposta... busco, contudo, pela presença de alguns temas significativos e importantes na minha vida e, por consequência, na minha literatura. Tão logo me alfabetizei, com seis anos de idade, escrevi meu primeiro conto; foi uma história de terror chamada *A meia-noite* – era para ser um adjunto adverbial de tempo, mas, sem a crase, a palavra se tornou um substantivo –. Desde criança me fascino por histórias de terror, não me lembro dos porquês disso; recorde-me, porém, d'*A meia-noite* se inspirar num filme do gênero... também não me esqueci da mocinha da trama, vítima das perseguições de um maníaco homicida; no entanto, embora ainda me recorde do encanto, não fixei seu rosto... sei que era loira, de cabelos na altura dos ombros, magra. O terror se aproxima do sadomasoquismo, há algo comum partilhado por ele e o gótico; talvez sejam os castelos, as masmorras, o prazer e a dor, o medo, as entranhas, a noite e a escuridão.

muito prazer

Outro momento importante para mim quanto às relações entre o sadomasoquismo e a arte se deu nos finais da adolescência, por volta dos 17 anos de idade, quando visitei, pela primeira vez, a Livraria Muito Prazer – hoje seria uma Comic Shop –; a Muito Prazer foi, talvez, a primeira loja de histórias em quadrinhos da cidade de São Paulo. Desde os 6 anos de idade, costumo ler quadrinhos... com 17 anos, eu já lia Guido Crepax; nunca havia

visto, contudo, cenas tão explícitas de sadomasoquismo como nas páginas de *Maria-Gabrielle en Orient*, de Georges Pichard.

O BDSM não é novidade moderna nem se reduz às práticas tímidas e solitárias de alguns parceiros; adiante, delineia-se seu papel na história do erotismo. Naqueles tempos, porém, com minha pouca idade, portanto, com pouquíssima erudição e nenhuma experiência sexual, faltavam-me noções das dimensões psicológicas e socioculturais da sexualidade, por isso mesmo, tudo que me tocava do sadomasoquismo parecia eventual e assistemático, cujo sentido se mostrava antes dispersivo que esclarecedor.

Durante a infância, antes mesmo da alfabetização, já encontrava prazer quando, assistindo a televisão, as mocinhas dos antigos filmes ou seriados surgiam em cenas implícita ou explicitamente SM, constrangidas pelos vilões, perdidas nos labirintos dos castelos ou cemitérios, perseguidas por monstros em cenas de terror, quase sempre expostas, descalças... diante da literatura, encontrei minha imaginação partilhada por escritores; nos quadrinhos, aquelas imagens imaginadas da prosa e da poesia se tornavam imagens vistas; na arte de George Pichard, o universo inteiro gira ao redor do tema, por isso minha fascinação diante de tantas figuras.

a arte BDSM

Uma das características da pós-modernidade coincide com a variedade das manifestações artísticas; se na história da arte ocidental, de 1500 a 1900, inventariam-se alguns estilos de época, torna-se praticamente impossível, nas vanguardas modernas e seus desdobramentos na pós-modernidade, contá-los sem se perder. Isso posto, sob legenda de Body Art, encontram-se, ao menos, menções a: (1) arte pornô; (2) Leg Art, quando se procura pelas fotografias de Elmer Batters; (3) Foot Art, ao procurar pelas fotografias de Ed Fox... por que, então, não cunhar e utilizar o termo arte BDSM?

Há vários motivos para tanto, entre eles: (1) somente no Brasil, há referências a dois escritores – Glauco e Wilma –; (2) no universo das HQs eróticas, os artistas BDSM fazem escola, bastando mencionar novamente Georges Pichard e incluir Franco Saudelli, Dennis Cramer e Guido Crepax; (3) as técnicas japonesas do shibari são consideradas artísticas faz tempo, havendo, inclusive festivais internacionais dedicados a elas; (4) no

próprio universo da Body Art, muitos artistas, tais quais Ron Athey, Sigalit Landau e Ana Mendieta, realizaram performances afinadas com tal estética. Por fim, recorda-se a engenhosidade literária do Marques de Sade, a sutileza romântica de Leopold von Sacher-Masoch e ao estilo singular de Pauline Reage, cujo tratamento moderno sintetiza vários topos BDSM, definidores de um estilo de arte específico.

o sadomasoquismo no dicionário

Diferentemente da etimologia, em que o significado das palavras se determina historicamente, na linguística moderna o sentido das palavras se estabelece, pelo menos, de duas maneiras distintas, porém, complementares. Embora referindo-se à história em sua formação, uma palavra adquire sentido em determinada língua na relação contraída com as demais palavras da mesma língua; conseqüentemente, por não haver relações entre palavras e coisas, mas entre uma palavra e as demais, em cada língua se concebe o sentido de modo particular. Todavia, não bastam relações lexicais para se estabelecer o significado das palavras, pois nos discursos se resignificam, constantemente, o vocabulário segundo procedimentos retóricos próprios; com isso, o significado lexical depende tanto da rede de relações formadora do vocabulário quanto das colocações em discurso.

No dicionário Houaiss – o dicionário mais completo da língua portuguesa –, segue esta definição de “sadomasoquismo”: “perversão sexual que resulta da combinação de sadismo e masoquismo”. Dessa perspectiva, na rede lexical desse dicionário, tal palavra deve o significado a articulação de outras duas, cujas definições, no mesmo dicionário, são estas: (1) sadismo equivale a perversão caracterizada pela obtenção de prazer sexual com a humilhação ou sofrimento físico de outrem; (2) masoquismo, por sua vez, significa perversão caracterizada pela obtenção de prazer sexual a partir de sofrimento ou humilhação a que o próprio indivíduo se submete. O sentido de “sadomasoquismo”, logo, parte da complexificação do vetor diferenciador de “sadismo” e “masoquismo”; sua semântica compreende e engloba a semântica das duas palavras convocadas em sua formação.

No dicionário, além disso, o conceito de “sadomasoquismo” se coloca entre as perversões sexuais, inserindo-o no mesmo conjunto em que se definem a pedofilia, a

necrofilia etc., determinando-se, em termos linguísticos, o campo das parafilias. Dessa maneira, conceituada enquanto perversão, no dicionário a palavra aparece conotada com sentidos negativos; no discurso de um ativista sadomasoquista, entretanto, contrariam-se ambas as concepções, quer dizer, a de perversão e a de desvalorização do termo. Em suas produções, por exemplo, nem Wilma Azevedo nem Glauco Mattoso inserem o sadomasoquismo entre desvios sexuais, tampouco desvalorizam a prática tomando-a por distúrbio patológico; em seus discursos, contrariamente, há valorizações positivas do SM.

Nos dicionários, por tudo isso, longe de se esclarecer, com neutralidade, a suposta “significação das palavras”, refletem-se as ideologias de seus elaboradores. No dicionário do MEC, por exemplo, “homossexualidade” se define pela “atração sexual entre indivíduos do mesmo sexo”; “homossexual”, todavia, define-se como “quem apresenta desvio de conduta sexual”. Ora, se há desvios, deve haver formas supostamente corretas, opondo-se, na definição, a relação “heterossexualidade normal” vs. “homossexualidade aberrante”; conseqüentemente, expressam-se, no discurso desse dicionário, desvalorizações do homossexualismo semelhantes às anteriores, feitas sobre o sadomasoquismo, quando concebido como perversão. O dicionário Houaiss, mais atual e menos preconceituoso, pelo menos nesse tópico, define “homossexualidade” sem desvalorizações tais quais “desvios de conduta”, restringindo-se a indicar, apenas, tratar-se de relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo.

a morfologia do sadomasoquismo

Voltando ao sadomasoquismo, ora desvalorizado no dicionário ora estimado em expressões literárias, seu significado se resume à prática sexual envolvendo tanto infringir quanto sofrer castigo físico ou humilhação; a palavra assume tal sentido em algumas culturas, pronto para ser valorizado diferentemente mediante os discursos em que o sadomasoquismo se realiza.

Nessa análise linguística e discursiva do termo, abandona-se a análise histórica; entretanto, embora os significados etimológicos pouco interfiram nos usos atuais das palavras, torna-se indispensável estudar a etimologia para verificar, justamente, os vestígios semânticos deixados em sua formação. Isso posto, a palavra “sadomasoquismo”,

morfologicamente, resulta de um processo tecnicamente chamado composição; há composição quando a palavra deriva da combinação de outras palavras, no caso, os morfemas sado- e maso-, oriundos de “sadismo” e “masoquismo”, articulados ao morfema -ismo, um sufixo formador de substantivos, que significa modo de proceder ou pensar.

Os morfemas sado- e maso- advêm dos nomes de dois escritores: sado-, do Marquês de Sade, e maso-, de Sacher-Masoch; muitos sadomosaquistas, porém, afirmam práticas e concepções sem nada saber dessa morfologia ou nem sequer haver lido uma página dos dois autores. Apesar disso, em estudos e debates a propósito das relações entre sadomasoquismo e literatura, a análise histórica da palavra ganha pertinência, porquanto o termo se forma a partir do discursivo literário; tais relações, no entanto, não se estabelecem apenas nas referências aos dois prosadores, pois há de se considerar, ainda, as apropriações das respectivas obras na formação do conceito.

o Marquês de Sade

Discorrer sobre Sade, longe de cuidar da vida de um escritor, revela-se comentar polêmicas. Seus trabalhos, sejam contos, novelas ou ensaios são polêmicos, mas não apenas nos conteúdos tematizados; pouco se sabe de homem... não se imagina seu rosto, não há pinturas a retratar sua face... as fantasias sobre o Marquês se mostram tão fictícias como suas personagens. Em vista disso, Sade se representa de muitas formas... a maiorias delas, equivocada; de monstro de filmes de terror a escritor maldito, às vezes ele aparece qual demônio, às vezes parece um beatnick... festejado por muitos SMs, alguns ainda o confundem com um senhor cruel e perverso, reinando em castelos góticos, os quais raramente aparecem em suas novelas.

Sade nasceu em Paris, a 2 de junho de 1740, e faleceu em 1814, internado no hospício de Charenton. Sem a intenção de relatar sua vida e obra, pretende-se buscar pela materialização da mentalidade de sua época em sua prosa e, conseqüentemente, pelas heranças deixadas por ele, tanto na literatura quanto na estética sadomasoquista. Em princípio, Sade não foi sadomasoquista; atualmente, o sadomasoquismo se manifesta como uma postura sexual com éticas e estéticas específicas, formada por roupas de couro,

acessórios, livros de prescrições, produções artísticas... nada disso se presentifica no modo de vida do Marquês.

Sade, tampouco, admite ser interpretado ao lado de artistas contemporâneos tais quais a romancista Pauline Reage ou o autor de histórias em quadrinhos Georges Pichard, ambos estetas do BDSM; fruto de sua época, Sade se mostra, antes de tudo, um neoclássico. Desse ponto de vista, Antonio Cândido, em alguns trechos d'*A formação da literatura brasileira*, comenta lucidamente a obra do Marquês; ao discorrer sobre o século XVIII, Cândido refere-se a Sade em breves passagens, entre elas, no capítulo “Razão, natureza, verdade”, quando se descreve a mentalidade de seu tempo, dado fundamental para compreendê-lo. Segundo Cândido, o século XVIII se marca por três conceitos relacionados entre si: (1) beleza; (2) verdade; (3) natureza; nessa articulação, um se define ao encontro do outro: (1) considera-se belo o que é natural, portanto verdadeiro; (2) considera-se verdade o que é belo, portanto natural; (3) considera-se natural o que é verdade, portanto belo. Assim concebidos, os três conceitos parecem sinônimos; cada um deles, porém, define um domínio distinto do pensamento, pois a beleza cabe à estética, a verdade, à lógica, e a natureza, à ética.

o império da natureza

Toda a obra de Sade se estrutura nesse paradigma; para ele, o império da natureza se mostra absoluto; por meio da natureza, justificam-se quaisquer crimes, exatamente, devido à equivalência entre beleza, verdade e natureza. Em diversas passagens d'*A filosofia na alcova*, d'*Os 120 dias de Sodoma* e de *Justine ou os infortúnios da virtude*, para mencionar três de seus trabalhos mais conhecidos, recorre-se, entre as personagens, a discursos a favor da naturalização de comportamentos supostamente criminosos; nos rascunhos d'*Os 120 dias de Sodoma*, encontra-se o seguinte trecho de uma das falas do Duque de Blangis (Sade, 1983: 19):

Era ainda muito jovem quando aprendi a desprezar as fantasias da religião, ficando perfeitamente convencido de que a existência do criador é um absurdo revoltante, no qual nem as crianças continuam a acreditar. Não preciso de contrariar minhas inclinações para lisonjear um Deus; estes instintos foram-me dados pela Natureza, e seria irritá-la se lhes resistisse; se me deu maus instintos, é porque eram necessários a seus desígnios. Em suas mãos, sou apenas uma máquina que ela dirige como quer, e não há um só de meus crimes que a não sirva: quanto mais me incita a cometê-los, mais deles precisa; seria louco se lhe desobedecesse.

Se a natureza confere ao homem maus instintos, torna-se crime não os seguir, pois, por serem naturais, também são belos e verdadeiros; esse mote, repetido na prosa sádica, revela-se o tema utilizado pelo Marquês para numerosas variações. Tal mote não aparece somente nas falas do Duque de Blangis, libertino d'*Os 120 dias de Sodoma*; apenas para citar algumas personagens, o tópico surge nas falas do senhor Dolmancé, o libertino d'*A filosofia na alcova*, e nas da senhora Dubois, a criminosa de *Justine*. Em Sade, há concepções deterministas delegadas à natureza capazes de elevá-la ao estatuto de divindade, cujo desrespeito se mostra praticamente impossível; assim, enquanto o Deus cristão e suas doutrinas não passam de mentiras, facilmente desvendadas pelo Marquês, na natureza expressam-se verdades absolutas, porquanto, por ser verdadeira, tudo derivado dela torna-se belo, inclusive a feiura. Em *Os 120 dias de Sodoma*, por exemplo, junto aos serralhos formados por adolescentes belíssimos, há quatro mendigas escolhidas entre pessoas horrorosas, prontas para saciar as fantasias dos quatro senhores do castelo de Siling.

a natureza, o sexo e o processo histórico

O tempo do Marquês coincide com o tempo das revoluções burguesas e seu discurso se compromete com os valores de hierarquia social da qual ele participa; isso se expressa na apresentação dos quatro senhores d'*Os 120 dias de Sodoma*, ou melhor, o Duque de Blangis e seu irmão, o Bispo de ... (o próprio Sade não determina), o presidente de Curval e o senhor Durcet, respectivamente o nobre, o representante do poder espiritual, o representante do poder temporal e o burguês. A hierarquia no grupo se marca em todos os

aspectos da construção das personagens, principalmente, e isso importa na literatura libertina do Marquês de Sade, na potência sexual. Acima de todos, coloca-se o Duque, dono de membro descomunal de trinta centímetros de comprimento por vinte de circunferência e sempre em riste, apto a ejacular dezoito vezes por dia; seguem-se o Bispo e o presidente de Curval em um empate curioso, pois o membro do Bispo, de quinze por doze, embora menor que o do jurista, de vinte por quinze, revela-se tão potente como o do Duque, enquanto o do presidente, nem tanto; o senhor Durcet fica em último lugar com o minúsculo pênis de dez por cinco, quase impotente, e constantemente sodomizado pelo Duque, esclarecendo o papel reservado à burguesia pelo Marquês. Dessa forma, no sistema de valores colocado em discurso, a metonímia das potências sexuais enfatiza a natureza física dos quatro homens, naturalmente reproduzida nas relações sociais, com o papel do Duque justificando o papel do próprio Marquês.

Sade e Masoch

Entre tais valores, há especificamente um capaz de diferenciar Sade e Masoch na construção da estética e da ética sadomasoquistas dos séculos posteriores; trata-se, precisamente, do tópico do consentimento entre sádicos e masoquistas. Respeitante ao consentimento, as personagens de Sade se aproximam dos serial-killers do cinema de terror contemporâneo, completamente distintos dos sadomasoquistas retratados por Masoch e Pauline Reage; enquanto os SMs de *A Vênus das peles* e *História d'O* buscam a dor e o prazer entre parceiros por meio da vontade, em Sade há sequestros e assassinatos criminosos, nos quais a dor se revela antes imposição que busca. Em outras palavras, não há masoquismo em Sade, pois o sadismo se baseia no desrespeito deliberado de quaisquer vontades, exceto as da natureza.

Leopold von Sacher-Masoch

Diferentemente do neoclassicismo de Sade, em Masoch surge espaço para a liberdade, inclusive, a liberdade de se escravizar eroticamente. Escrito no século XIX, *A Vênus das peles* encontra-se entre as obras do Romantismo; nela não há lugar para a

nobreza e seus atributos, supostamente naturais. Em uma estação de águas dos Cárpatos, Severino, em pleno tédio romântico, conhece Wanda, por quem desenvolve fascinação quase mística; anunciada na tela de Ticiano *A Vênus no espelho* e na estátua de pedra da mesma deusa, colocada no prado próximo ao retiro em que se hospeda o moço, Wanda assume proporções divinas quando se materializa na Vênus, envolta em casacos de pele escura. Isso posto, logo no início do romance de Masoch, numa cena na casa de Severino, um amigo admira esta tela (Sacher-Masoch, 1983: 154):

Era uma pintura a óleo de tons vigorosos à maneira da escola flamenga, cujo tema era bem estranho. Nua em uma pele escura, uma linda mulher, apoiada no seu braço esquerdo, repousava sobre uma otomana. Um sorriso jovial flutuava em seus lábios, e sua basta cabeleira estava trançada à maneira antiga, empoada de branco. Sua mão direita brincava com um chicote comprido enquanto seu pé nu se apoiava descuidado sobre o homem deitado diante dela como um escravo, como um cão; e esse homem de traços acentuados, mas bem delineados, em que se liam uma melancolia tranquila e toda a abnegação da paixão, esse homem que alçava em direção a ela os olhos ardentes e fanáticos de um mártir, esse homem que formava um tamborete para seus pés, era Severino, mas sem a barba, com o que parecia ter dez anos a menos.

Leitor de Homero e Goethe, poeta e pintor, Severino se parece com o jovem Werther – todavia, em outros sofrimentos –, disposto a experimentar os desejos sexuais de ser dominado por Wanda. Para tanto, assina um contrato de escravidão consentida, nos seguintes termos:

“Senhor Severino von Kusiemski cessa a partir deste dia de ser o noivo da senhora Wanda von Dunajew e renuncia a todos os seus direitos de amante, obrigando-se, com sua palavra de homem e de honra a ser, para o futuro, o escravo daquela senhora, e isto até que ela própria lhe conceda de volta a liberdade.

“Como escravo da senhora von Dunajew, ele usará o nome de Gregório, deverá satisfazer todos os desejos da sua ama, obedecer cada ordem sua, submeter-se a ela e considerar qualquer favor que porventura receba como uma graça extraordinária.

“A senhora von Dunajew pode não apenas castigar o seu escravo por qualquer negligência ou qualquer falta, mas lhe assiste também o direito de

maltratá-lo por capricho ou até mesmo somente para se distrair, podendo inclusive matá-lo, se lhe der vontade. Ele se torna em suma, sua inteira propriedade.

“Se a senhora von Dunajew conceder um dia a liberdade a seu escravo, o senhor Severino von Kusiemski deverá esquecer tudo que viveu ou sofreu enquanto escravo, e nunca pensar, sob nenhum pretexto e de forma alguma, em qualquer vingança ou represália.

“Por sua parte, a senhora von Dunajew promete em tanto que ama mostrar-se tão frequentemente quanto possível vestida de peles, sobretudo quando for cruel para com seu escravo.”

Os significados da tela e do contrato coincidem; neles, explicitam-se os principais tópicos da estética e da ética sadomasoquistas. Dessarte, não se trata de justificar raptos e assassinatos, mas de se envolver em regras capazes de contemplar tanto sádicos quanto masoquistas; se, em Sade, a natureza se impõe, em Masoch há sistemas culturais regulando os valores colocados pelos parceiros envolvidos nas tramas eróticas.

a cultura sadomasoquista

A cultura sadomasoquista, contudo, não parece fruto dos escritos de Sade e de Masoch, tais textos se revelam antes uma manifestação dela que seus fundadores. Essas obras se revelam singularizações de um discurso social mais amplo, pois nenhum dos autores inventou do nada os temas tratados; admite-se, portanto, determinar um campo discursivo SM, inserindo nele suas práticas, definições e justificativas, entre consensos e contradições. Em vista disso, há polêmicas discursivas a conceituar o SM no mundo humano; o sadomasoquismo constitui-se nas discussões realizadas sobre ele pois, nesses dizeres, justamente, ele se define. Consequentemente, nas definições não há apenas um SM, a respeito do qual haja consenso absoluto, mas a rede de polêmicas em meio às quais o campo discursivo se constitui.

Na formação do campo, convocam-se Sade e Masoch, à revelia do primeiro e a contragosto do último, a assumir os respectivos papéis. Sade vem à revelia, porquanto o termo se cunhou em 1886, setenta e dois anos após sua morte, e há notícias de Masoch e o filho protestarem contra a correlação do nome da família a, então, patologias médicas. A recusa se explica, a palavra sadomasoquismo foi proposta por Kraft-Ebing, cientista,

psiquiatra e médico legista alemão, transformando o sadomasoquismo em doença; Sade e Masoch, por conseguinte, aparecem em um discurso psiquiátrico associados a um distúrbio psicológico, longe de éticas e estéticas em desenvolvimento.

Contrário a essa visão de mundo, existe, porém, o sadomasoquismo chamado erótico, tal qual propõe Wilma Azevedo, cuja postura discursiva vai de encontro às concepções disfóricas da psiquiatria e da psicologia. Valendo-se da mesma palavra, mas modificando substancialmente seu significado, no SM erótico, embora se mencionem as contribuições e ideias do Marques, há, sensivelmente, antes masoquismo do que sadismo; não se trata da orientação do vetor ativo ↔ passivo, mas do já mencionado tópico do consentimento. Isso posto, mesmo a questão da orientação necessita ser mais bem analisada pois, se em Masoch o narrador se regozija com o sofrimento, sua parceira, quem também pertence ao imaginário do autor, age contrariamente; ademais, Sererino, no final do romance, torna-se ativo. A rigor, há passividade e atividade em *A Vênus das peles*; talvez, uma médica legista utilizasse, em sua terminologia, a postura da dominadora Wanda para definir masoquismo. Em Sade, entretanto, ocorre de tudo; se a referência enfatizar sua obra, todas as ditas perversões sexuais receberiam o nome sadismo.

natureza, sexo e cultura

Não há, nos seres humanos, parcelas de natureza e de cultura digladiando; parece que ocorre, isto sim, complexificação delas. Dessa perspectiva, em suas relações com coisas e valores, os humanos se valem da cultura para definir a si próprios e ao mundo ao redor, logo, em atividades cognitivas e pragmáticas, sujeitos e objetos ganham sentido no discurso realizado sobre eles mesmos. Consequentemente, nenhuma sexualidade se encontra livre de mediações culturais; em outras palavras, não existe sexualidade natural isenta de valorizações humanas.

Assim, se para se alimentar o homem pratica culinárias, para as relações sexuais ele cria paixões eróticas, entre elas, o sadomasoquismo. Em tempos burgueses, de liberdade, igualdade e fraternidade, admite-se dominação, escravidão e maus tratos somente se praticados com consentimento, caso contrário, configura-se coerção, sequestro e estupro; dessarte, forma-se a cultura SM, na qual, por meio de valores culturalmente construídos,

suas práticas se desvinculam de doenças mentais. Isso posto, os SMs contemporâneos, coerentes com a modernidade, são masoquistas... os sádicos de hoje terminam em hospícios e, em muitos países, no corredor da morte.

Pauline Reage

Talvez, o melhor exemplo da cultura SM na literatura do século XX seja o romance *História d'O*, de Pauline Reage. Longe da arbitrariedade dos senhores d'*O*s *120 dias de Sodoma*, O se comporta igualmente a Severino, seus suplícios são autorizados por ela; há, entretanto, pelo menos, uma diferença quando, em Pauline Reage, o tom social se mostra acentuado, porquanto O pertence a uma comunidade SM enquanto o drama de Severino parece mais individual. *A Vênus das peles* se narra em primeira pessoa; ao transformar o texto em memórias, Severino fala de si em vez de refletir comportamentos coletivos, enquanto Pauline Reage, contando em terceira pessoa as aventuras de O, encaminha registros objetivos dos fatos contados, que servem de mote para introduzir o universo social do sadomasoquismo.

Logo no início da trama, O é levada por René, seu amante, a um castelo particular em que uma comunidade SM se instala; lá, ela se torna escrava erótica por vontade própria e os acontecimentos se transformam em ritos sociais manifestantes das práticas de um modo de existir. No universo de O há castelos, senhores, escravas... lembra Sade, mas não se trata dele... a *História d'O* se aproxima de reuniões entre Wandas e Severinos em clubes fechados, onde o encontro fortuito dos amantes de Masoch surge enquanto hábitos partilhados por pessoas afins. Não há, portanto, vieses históricos em que Sade gera Masoch, que gera Pauline, mas a construção de mitologias sociais sadomasoquistas, com ética e estética particulares.

Esse SM, entretanto, compensa lembrar, forma-se em polêmicas, há diferentes demarcações em seus limites; porque quaisquer atividades humanas se encontram sempre nos limiares de fronteiras consensuais, os conceitos de dor, medo e do próprio consentimento na relação dominador-dominado variam, apesar da instauração de ritos e balizas.

a literatura SM

Cabe indagar, depois desse breve histórico do sadomasoquismo na literatura, se parece exequível falar em literatura sadomasoquista. O SM, semelhantemente à homossexualidade, ao feminismo e à política, configura-se em temas sociais, passíveis ou não de se converterem em escolas artísticas, entre elas, a literatura. Nessas circunstâncias, não há formas artísticas puras. As formas de arte se definem em consensos discursivo; um crítico literário, por exemplo, pode conceber uma literatura católica e nela incluir Dante, São João da Cruz, Padre Antonio Vieira, Alphonsus de Guimaraens etc.; os concretistas criam sua própria genealogia a partir de Mallarmé, Pound, Cummings e Joyce; para esoteristas, tais quais Eliphas Lévi e René Guenon, *A Demanda do santo graal*, *A Divina comédia* e *Fausto*, de Goethe, revelam-se literatura esotérica, na qual se inclui, de acordo com alguns, o *Grande sertão veredas* e boa parte da obra de Guimarães Rosa.

Em termos sociossemióticos, os textos adquirem as dimensões literárias e culturais projetadas nele; desse ponto de vista, existem literaturas de esquerda, literaturas gays, literaturas negras etc., dependendo da inserção discursiva da crítica e dos escritores. Logo, quando negros se organizam em movimentos semelhantes ao Quilomboje, cuja afirmação racial se expressa literariamente, buscando em Caldas Barbosa, Luís Gama e Lima Barreto precursores e modelos de ações afirmativas, manda o bom senso que se reconheça o discurso de uma literatura negra. Há de se considerar, contudo, por se cuidar da construção de papéis sociais, que o enunciador desses discursos comprometidos não precisa ser necessariamente negro, mulher ou homossexual, bastando simulá-los na hora de escrever.

De que maneira, porém, constroem-se temáticas SM? Há a necessidade de dominadores e dominados, violência e dor convertidos em prazer..., mas não apenas isso. Algirdas Julien Greimas observa, em sua semiótica narrativa e discursiva, que enquanto os castigos se originam de vinganças e reparações de faltas, o sadismo independe dessas relações, pois o ato sádico se completa em si mesmo; castigos e vinganças são motivados, contrariamente, o sadismo explica-se e justifica-se reflexivamente. Assim, caso correlacionado ao erotismo, tal sadismo forma o tema sadomasoquista, realizando-se como um tema entre outros temas, a eleger-se, determinadamente, enquanto compromisso ético, estético e literário.

bibliografia

CANDIDO, Antonio (1981). *A formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia.

GREIMAS, Algirdas Julien (1983). *Du sens II*. Paris: Edition de Seuil.

RÉAGE, Pauline (s.d.). *História de O*. São Paulo: Brasiliense.

SACHER-MASOCH, Leopold von (1983). *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Taurus.

SADE, Marques de (1983). *Os 120 dias de Sodoma*. São Paulo: Aquarius.

____ (s.d.). *Os infortúnios da virtude*. Sintra: Europa-América.

____ (s.d.). *A filosofia na alcova*. Brasília: Editora de Brasília.

São Paulo, 23 de abril de 2026